

ANDRÉ ROMÃO

CALOR



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Calor* do artista André Romão, foi organizada pela Fundação de Serralves, com a curadoria de Inês Grosso e coordenação de Filipa Loureiro.

The exhibition *Calor*, by the artist André Romão, was organized by the Serralves Foundation, curated by Inês Grosso and coordinated by Filipa Loureiro.

ANDRÉ ROMÃO CALOR

Sempre que visito uma exposição do André Romão, tenho a sensação de entrar num outro universo. Recordo-me, em particular, da exposição individual no Museu Berardo, em 2019. Nessa ocasião, quando cruzei o limiar do espaço expositivo, fui imediatamente absorvida por um cenário agreste, distópico, semelhante a uma floresta banhada pela luz da lua, um lugar onde humanos e não humanos coexistiam em perfeita harmonia. Era tudo tão tranquilo e sereno, frio e quente. Sentia-se a materialidade do sono. Projetadas nas paredes, as sombras eram sentinelas que vigiavam a paisagem. Entrei num estado de alerta que me dava consciência absoluta do meu entorno. Distingui sons quase inaudíveis para o ouvido humano, como o murmurar dos mexilhões e o crepitar dos corais marinhos. Senti-me dentro do livro *A Morte e a Primavera*, de Mercè Rodoreda, uma das autoras favoritas do artista, no qual a natureza se afirma como uma força misteriosa que reflete as experiências internas e psicológicas das personagens.

As suas obras têm, de facto, a rara capacidade de transportar-nos para uma atmosfera envolvente, retirando-nos da realidade. A exposição no Museu de Serralves não é exceção. Com o título *Calor*, e reunindo um conjunto de obras novas especialmente concebidas para o espaço, ela proporciona-nos um ambiente inquietante, feérico e onírico, situado algures entre o céu e a terra, entre o mundo dos vivos e o desconhecido. À medida que percorremos as salas, deparamo-nos com uma série de entidades híbridas que habitam o espaço como presenças poéticas: uma

raposa aconchegada num sono profundo; um antigo tronco de glicínia torcido do qual emergem mãos de bronze; uma cadeira que lembra um louva-a-deus ostentando uma cabeça parcialmente coberta por corais marinhos; uma perna humana iluminada por lâmpadas, ou uma escultura de acrílico transparente com o exterior revestido de vaselina, escorrendo como um corpo que transpira e irradia vitalidade. A partir de uma prática que inclui uma pesquisa pseudoarqueológica de apropriação de objetos e uma pilhagem ética de formas passadas em objetos presentes, Romão retoma os temas fundamentais da sua investigação, que abarca conceitos de hibridização e metamorfose e reforça uma noção de fluidez e horizontalidade entre o natural e o artificial, orgânico e anorgânico, humano e animal ou o humano e maquinal.

Nas paredes, uma coleção de cartazes antigos provenientes de diferentes países, usados no âmbito de campanhas de sensibilização e mobilização das suas populações para a doação de sangue, introduzem um elemento disruptivo que contribui para desestabilizar algo que sentimos não ser logicamente firme. Neste ponto reside um dos aspetos mais fascinantes das paisagens e lugares eminentemente crepusculares fabricados pelo artista: nada é previsível, nada é permanente, nada é apenas o que parece. André Romão dá vida aos sonhos, desafia-nos a abraçar a incerteza e a desvendar o que se esconde para além das aparências e convenções sociais.

Não é a primeira vez que vemos alusões ao sangue na sua obra: a exposição no museu de Lisboa abria com um pormenor da decapitação de São João Batista, do

pintor flamengo Rogier van der Weyden. Nela, o corpo decapitado do profeta é representado com as artérias e veias a jorrar sangue: humor sumarento, o sangue pode ser a dádiva salvífica, mas é também um dos tecidos que ata e cose a unicidade do corpo.

Nos animais vertebrados, o sangue é um fluido corporal que percorre as extensas redes de artérias, veias e capilares, distribuindo nutrientes e desempenhando uma série de funções cruciais, incluindo a regulação e manutenção da temperatura corporal. Perante as obras expostas, é inevitável não pensar na ideia de energia vital, calor, vida e morte, bem como na noção de circuitos ou circulação, de um ciclo ininterrupto e em constante movimento. Nesse sentido, ressalta o paralelismo entre o sangue que percorre as veias humanas e a seiva que flui nas árvores, ambos fluidos vitais que circulam nos respetivos sistemas biológicos. Todos os seres multicelulares, animais ou vegetais, são dependentes de um sistema de circulação complexo que sustenta a vida. Evoluindo de forma independente várias vezes, estes circuitos vitais transcendem as fronteiras entre os diferentes ramos da árvore da vida. Para além das suas funções biológicas, nas culturas humanas o sangue é frequentemente visto como símbolo de vida e vitalidade, energia e dádiva, redenção, ancestralidade, poder e cura, transformação, ou ainda, como veremos, fator de discriminação¹.

Regressando às paredes e aos cartazes, estes elementos foram originalmente desenhados como instrumentos de sensibilização e incentivo à participação, mas também denotam modelos de

preconceito e exclusão, recorrendo muitas vezes a apelos emocionais associados a ideias de patriotismo e dever cívico. Ocasionalmente, retratam exemplos de uma família feliz, tradicional, heteronormativa e biparental. Isto não seria problemático se esta idealização do dador não correspondesse a políticas violentas de discriminação. Tomemos como exemplo a seguinte frase, que aparece num dos cartazes:

*YOU ARE THE FIRST STEP...
in Ensuring a
Quality Blood Supply*

*Please Give Complete
and Honest Answers²*

1 A história da discriminação sanguínea abrange uma diversidade de contextos e crenças que estabelecem ligações entre o tipo de sangue, hierarquias sociais, raça e, por vezes, características individuais. Esta associação entre o sangue e a discriminação pode ser exemplificada por episódios históricos notáveis, como o sistema de castas na Índia, que associava o tipo de sangue à pureza e ao estatuto social, bem como o Nazismo, os fascismos e supremacismos que promoveram teorias eugénicas que foram utilizadas para justificar políticas discriminatórias com base no tipo sanguíneo. Estes acontecimentos históricos evidenciam a utilização errónea e prejudicial da conceção de sangue como critério de discriminação, muitas vezes sustentada em crenças pseudocientíficas e preconceitos infundados.

2 Dê o primeiro passo / para garantir o abastecimento de sangue de qualidade / por favor, forneça respostas honestas.

Com efeito, o conceito de «qualidade do sangue», que surge repetidamente nas campanhas em questão, bem como as políticas de triagem e restrições impostas à doação de sangue, assentam em estereótipos e preconceitos, e não em critérios médicos e científicos adequados. Assim enquadrada, a doação de sangue é um ato de altruísmo sujeito a várias regulamentações que reforçam a discriminação e a segregação. Neste ponto, é inevitável não referir o facto de que em diversos países, incluindo Portugal, apenas recentemente ter sido proibida a discriminação de doadores de sangue com base na orientação sexual ou identidade de género. Todas as pessoas, independentemente da sua origem étnica, género, orientação sexual ou qualquer outra característica própria, pode e deve doar sangue, desde que cumpra os critérios de seleção e segurança estabelecidos. Não é por acaso que estes cartazes foram estrategicamente instalados, acompanhando e guiando o nosso percurso pelo espaço, desvendando e contribuindo para a discussão de alguns dos temas abordados na exposição, bem como em grande parte da recente produção do artista.

Pontuando e expandindo uma relação íntima com a natureza, as esculturas dispostas sobre plintos de madeira apresentam uma ampla variedade de formas de vida em distintos ambientes e nichos ecológicos. Combinam elementos da flora, fauna, seres humanos e elementos mecânicos e representam corpos simultaneamente estranhos e familiares que habitam um terreno de ambiguidade e indiscernibilidade de género. Este é um esforço que nos faz entrever a forma de um mundo mais justo e equitativo no qual se reconhece a igualdade entre as espécies. Partindo

desta ideia, a exposição releva e molda um debate sobre a noção de corpo normativo e as leis e diretrizes das nossas sociedades contemporâneas que estabelecem padrões de conduta que, muitas vezes, excluem aqueles que não se encaixam nas categorias tradicionais de identidade e comportamento e não pertencem aos modelos hétero-cis-normativos representados nos cartazes de doação de sangue.

O artista abre caminho para novas perspetivas e níveis de consciência na nossa relação com o *Outro*, aquele que é diferente, que habita o mundo de maneira distinta. Na sua poesia e estranha melancolia, as esculturas de Romão assumem uma forma de resistência às categorias rígidas e binárias de identidade e comportamento. Ao mesmo tempo, celebram a diversidade e a complexidade das relações entre os seres vivos, questionando a ideia de que existe uma única forma correta de ser e agir. Com referências à história da arte, à religião, à filosofia, literatura³ e cultura pop, o artista cria alegorias poderosas que, em última instância, nos convidam a refletir sobre

3 Na obra de André Romão, deparamo-nos com numerosas alusões e citações à literatura, como à obra de Mercè Rodoreda que já referi. Por vezes, essas referências conduzem-nos a obras e contos, mesmo que esse não seja o intuito do artista. A título de exemplo, refira-se a última exposição realizada na galeria que representa o artista em Lisboa, Vera Cortês, em 2022, intitulada *Noite*. Ao observar as esculturas com olhos de vidro, não era possível evitar a associação com «O Homem da Areia» de E.T.A. Hoffmann, um clássico da literatura gótica e do romantismo alemão que explora, entre outras questões, a relação entre o humano, o não humano e o mecânico, temas cada vez mais presentes na obra do artista.

as contribuições do modernismo – em especial do surrealismo e da psicanálise, que exploram o mundo do subconsciente, dos sonhos e do irracional – e a sua relação com o humanismo (não terá sido a hibridez do mundo que criou o modernismo?).

No contexto de uma sociedade fortemente dominada pela mecanização, na qual a tecnologia integra, e por vezes mimetiza, a própria natureza, Romão lembra-nos da importância de reavaliar a humanidade, assim como as suas interações com o mundo não humano ou mais que humano, à luz de uma nova perspectiva global, impulsionada pelo progresso científico e pelas inovações tecnológicas.

A sugestão de algo quente desperta sensações de aconchego e bem-estar, um ambiente de conforto e refúgio. A energia calorífica catalisa transformações e mudanças – ferve, arde, sublima. A ideia de calor pode ser símbolo de evolução e mutação constantes, recordando-nos de forma vívida que, assim como a matéria se metamorfoseia sob o seu efeito fervilhante, também nós devemos aceitar a inevitabilidade da transformação abraçando o diferente e o diverso.

Inês Grosso

SOBRE O ARTISTA

André Romão foi vencedor do Prémio EDP Novos Artistas 2007. Desde então, o seu trabalho integrou importantes exposições em diferentes contextos como a Bienal de Arte de Liverpool (2021), MAAT (Lisboa), Museu Berardo (Lisboa), Futura (Praga), The Green Parrot (Barcelona), Macro (Roma), Astrup Fearnley Museet (Oslo), CAPC (Bordéus), Spike Island (Bristol), Kunsthalle Lissabon, entre outras. Publicou *Fauna* (2018), *Perspex*, *Marble*, *Bone* (2014) e *Barbarian Poems* (2012). Em 2013, André Romão foi um dos finalistas do BES Revelação no âmbito do qual apresentou uma projeção vídeo de uma colagem dos vários fragmentos do friso ocidental do Pártenon (dispersos por vários museus europeus) que através do seu próprio desmembramento relata e sintetiza a história do Ocidente.

ANDRÉ ROMÃO CALOR

Whenever I visit one of André Romão's exhibitions, I feel like I'm stepping into another world. I remember, in particular, his solo show at Berardo Museum in 2019. On that occasion, when I crossed the threshold of the exhibition space, I was immediately plunged into a wild, uncanny environment akin to a forest bathed in moonlight, a place where humans and non-humans coexisted in perfect harmony. Everything was tranquil, serene, hot, and simultaneously cold. I could touch the physicalness of a slumbering state. The shadows projected on the walls were sentinels, keeping a watchful eye on the landscape. I felt my senses heighten, fully conscious of my surroundings. I could detect sounds almost inaudible to the human ear, like the whispers of clams and the crackle of sea coral. I felt as if I was in the book *Death in Spring*, by Mercè Rodoreda, one of the artist's favourite writers, where nature is a mysterious force which reflects the characters' intimate psychological workings.

His work indeed has the rare capacity to whisk us away to another, captivating place, divorced from reality as we know it. The exhibition at Serralves Museum is no exception. Entitled *Calor* [*Warmth*] and bringing together a series of new works conceived exclusively for the space, we are caught unawares by this mystical, dreamlike realm somewhere between heaven and earth, the land of the living and the unknown. As we make our way through the rooms, we notice these hybrid creatures which, like poetic presences, have made this space their home: a fox curled up deep in slumber;

an old, gnarly wisteria branch from which jut hands forged in bronze; a chair reminiscent of a praying mantis on which we see a head partly covered in coral fragments; a human leg lit up by light bulbs, or a transparent acrylic sculpture smeared with Vaseline, slippery as a body which glistens with a kind of life. From a research-based, pseudo-archaeological practice which includes the appropriation of objects and an ethical plundering of past forms in present objects, Romão here revisits essential themes from his body of work, encompassing the concepts of hybridisation and metamorphosis while reinforcing notions of fluidity and reciprocity between the natural and artificial, organic and anorganic, human and animal or the human and mechanical.

On the walls, a collection of vintage posters from different countries, used in public blood-donation awareness and mobilisation campaigns, seem to jar and further undermine something we feel is logically ambivalent. Herein lies one of the most fascinating aspects of the landscapes and twilight scenes concocted by the artist: nothing is to be expected, nothing is permanent, nothing is as it seems. André Romão breathes life into dreams, challenging us to embrace uncertainty and to unveil what hides behind appearances and social convention.

It is not the first time we find allusions to blood in his work: the museum exhibition in Lisbon opened with a detail of the decapitation of Saint John the Baptist by Flemish painter Rogier van der Weyden. In it, the prophet's beheaded corpse is shown with blood gushing from the arteries and veins: with evident relish, blood is seen as a gift and our redemption, but also as one

of the tissues which binds and unifies our physical form.

In vertebrates, blood is a corporal fluid which courses through our extensive network of arteries, veins, and capillaries, dispensing nutrients and carrying out a series of crucial tasks, including regulating and maintaining our body's temperature. Before these works on display, we cannot help but think of the idea of vital energy, heat, life and death, as well as a notion of circuits or circulation, an uninterrupted cycle in constant movement. To this effect, we are reminded of the similarity between blood pumping in human veins and the sap that courses through our trees, both essential to their respective biological systems. All multi-cellular lifeforms, whether animal or plant, depend on a complex circulatory system in order to live. Often evolving independently, these vital circuits transcend the boundaries differentiating the branches of the tree of life. Besides their biological functions, in human cultures blood is frequently perceived as a symbol of life and vitality, energy and godsend, redemptive, ancestral, power and cure, transformative, or as we shall see, a motive for discrimination¹.

Returning to the posters on the walls, intended to raise awareness and rally the public, by doing so they also resorted to discriminatory and exclusionary tactics, often making emotional appeals to our feelings of patriotism and civic duty. Occasionally, they portrayed images of happily traditional, heteronormative, biparental families. This wouldn't be so problematic if this idealisation of the donor-citizen did not have such aggressively discriminatory undertones.

Let's take the following phrase, for example, which appears on one of the posters:

*YOU ARE THE FIRST STEP...
in Ensuring a
Quality Blood Supply*

*Please Give Complete
and Honest Answers*

In effect, the idea of a «quality blood supply», which frequently arises in such campaigns, as well as restrictive triage practices regarding who can give blood or not, are based on stereotypes and prejudices rather than on appropriate medical and scientific criteria. In these terms, giving blood is an act of altruism subject to regulations that reinforce discrimination and segregation. We cannot ignore the fact that in several countries, Portugal being one of them, discriminating against blood-donors based on their sexual orientation or gender has only recently been repealed. Any person, whatever their ethnic origin, gender, sexual orientation, or other character trait, should be granted the right, and agency,

¹ The history of discrimination based on bloodline encompasses a variety of contexts and beliefs coalescing around blood types, social hierarchies, race and sometimes one's individual characteristics. This association between blood and discrimination is rife throughout history, for example the caste system in India, which associated blood type to purity and social status, as well as Nazism, fascism and supremacism which pursued eugenic theories to justify discriminatory policies based on one's blood type. These moments in history illustrate the prejudicial misapplication of a notion of blood as a criterium for discrimination, often sustained by pseudo-scientific beliefs and unfounded biases.

to give blood, as long as they comply with established health and safety criteria. The strategic placing of these posters is no mere coincidence, as they accompany and guide us on our journey through the space, intimating and inciting discussion of some of the themes broached in this exhibition, as well as in much of the artist's recent work.

As counterpoints and commentaries on a relationship to nature at its most intimate, the sculptures displayed on wooden plinths present a wide variety of lifeforms set in specific environments and ecological niches. They combine elements of flora and fauna, human and the mechanical, as they simultaneously represent forms at once strange and familiar, that inhabit an ambiguous land where gender is indiscernible. By trying to contemplate them, we envisage a fairer and more egalitarian world, where equality between species is recognised. Based on this idea, the exhibition highlights and engages us in a debate on notions of what is a normative body, and the laws and guidelines of our contemporary societies, which dictate patterns of conduct or exclude those who cannot be easily pigeon-holed in traditional categories of identity and behaviour, and who do not belong to hetero-cis-normative models – as we see on the posters for giving blood.

The artist leads us on a path towards new perspectives and levels of consciousness in our relationship to the *Other*, they who are different and inhabit the world in their own way. With their poetry and strange melancholy, Romão's sculptures resist the unyielding binaries of identity and behaviour. At the same time, they celebrate diversity and the complexity of relationships

between living beings, questioning the idea of whether there exists one single correct way of being and acting.

Referencing the history of art, religion, philosophy, literature² and pop culture, the artist creates powerful allegories which ultimately call on us to reflect upon the contributions of modernism – in particular surrealism and psychoanalysis, which explore the world of the subconscious, dreams, and the irrational – and their relation to humanism (was it not the hybrid nature of the world which created modernism?). In a society which is firmly dominated by mechanisation, in which technology is integrated with – and sometimes even mimics – nature itself, Romão reminds us of the importance of taking stock of humanity, as well as our interactions with the non-human – or more-than-human – world, in the light of a new global perspective, one that is driven by scientific progress and technological innovation.

2 In the work of André Romão, we can find all kinds of literary allusions and citations, such as to the *oeuvre* of Mercè Rodoreda, as mentioned before. Sometimes, these references lead us to long or shortform works of fiction, even if this was not the artist's actual intention. To give one example, a case in point is his most recent exhibition in 2022, entitled *Noite* (Night), at Vera Cortês, the gallery which represents the artist in Lisbon. As we contemplated the sculptures with glass eyes, we could not but be reminded of E.T.A. Hoffmann's *The Sandman*, a classic of gothic literature and German romanticism which explores, among other questions, the relationship between what is human, non-human and mechanised, themes which are increasingly present in the artist's body of work.

Warmness nurtures sensations of comfort and well-being, of coyness and protection. Heat energy is a catalyst for transformation and change – it boils, it burns, and it sublimates. Heat can symbolise constant evolution and mutation, vividly reminding us that just as material metamorphosises under its seething effects, we should also accept the inevitability of transformation, embracing difference in all its diversity.

Inês Grosso

ABOUT THE ARTIST

André Romão was recipient of the EDP Foundation New Artists Award in 2007. Since then, his work has been selected for a number of important exhibitions such as the Liverpool Biennale (2021), MAAT (Lisbon), Berardo Museum (Lisbon), Futura (Prague), The Green Parrot (Barcelona), Macro (Rome), Astrup Fearnley Museet (Oslo), CAPC (Bordeaux), Spike Island (Bristol) and Kunsthalle Lissabon, among others. He published *Fauna* in 2018, *Perspex*, *Marble*, *Bone* (2014) and *Barbarian Poems* (2012). In 2013, André Romão was one of the finalists of the BES Revelação award, in which he showed a video collage of various fragments from the Parthenon West Frieze (spread around different European museums) which through their very dispersion relate and serve as a concise overview of the history of the West.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h - 13h e 14h30 - 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact
(Monday to Friday, 10 am - 1 pm and 2:30 pm - 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 500

Tel: 226 156 546

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves